

LINHAS TRAVESTIS: DESLOCAMENTOS ALÉM DAS REDES¹

André Rocha Rodrigues – IFSP (Campus Campos do Jordão/SP)

Transitamos. Logo, existimos.

Sofia Favero (2020)

Resumo: As travestis que estão inseridas nos mercados do sexo demonstram existir uma íntima relação entre a atuação nestes mercados e deslocamento territorial. Situado na discussão sobre o vínculo entre mobilidades e travestis e baseado no conhecimento produzido pelas travestis, apresento os mecanismos de construção das relações que possibilitam os deslocamentos. Destaco que “fazer a linha” e “sair doida” são metáforas de movimento criadas pelas travestis que ajudam a perceber o deslocamento como relação e como sentido. A autonomia destas metáforas comporta diálogos, aproximações e distanciamentos de outros conhecimentos, como o conceito de rede desenvolvido por Barnes (1987) e as reflexões sobre linhas, o fazer a vida e a malha de Tim Ingold (2007; 2012; 2015).

Palavras-chave: travesti; deslocamentos; linhas.

Introdução

De 2013 a 2020, por ocasião do mestrado e doutorado, realizei pesquisas com a participação de travestis. A princípio, o trabalho envolveria a compreensão da ocupação, usos e apropriações do espaço urbano por travestis que atuavam nos mercados do sexo. Entretanto, durante o trabalho de campo foi possível notar que as travestis realizavam constantes deslocamentos entre lugares, cidades, estados e países ao longo de suas vidas. Em função de uma demanda empírica, realizei deslocamentos a fim de compreender os movimentos, relações e sentidos na construção da pessoa travesti.

Em São Carlos/SP, Raabe², travesti, branca, na faixa dos 20 anos, uma das interlocutoras da pesquisa, me disse que não era são-carlense, estava na cidade havia poucas semanas e planejava não ficar muito tempo. Notei que essa fala reaparecia em muitas conversas e entrevistas e descobri que não ser do lugar era uma recorrência sempre evocada com ênfase. Muitas afirmavam ter origem em diferentes cidades, como Manaus/AM, Florianópolis/SC, Franca/SP, Ribeirão Preto/SP, São Bernardo do Campo/SP, Lima (Peru), São Paulo/SP, Campo Grande/MS e diziam que já haviam

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Todos os nomes citados de pessoas envolvidas no trabalho de campo foram trocados com o objetivo de preservar o anonimato das interlocutoras.

passado por tantas outras cidades, o que, em alguns casos, incluía outros países (como Itália, por exemplo)³.

Certa vez, conversando com Raabe pela rede social Facebook, após tentativas frustradas de reencontrá-la, ela me disse que não estava mais em São Carlos/SP. Perguntei o porquê de ter ido embora e recebi enfática resposta: “*A gente não tem parada, não sou daí, sou de Franca, agora estou em Piracicaba. Fui só pra conhecer e conquistar alguma coisa. Não me prendo a lugar nenhum [...]*”⁴. As informações sobre o constante deslocamento geográfico e, conseqüentemente, pouco tempo de permanência nas cidades e lugares, se configurou, além de um campo aberto, uma necessidade para novas perguntas além da preocupação inicial sobre apropriação do espaço público urbano.

Há uma produção substancial sobre a multiplicidade dos mercados do sexo e prostituição de rua no Brasil⁵ que já apontaram que esta atividade possui nos espaços públicos urbanos suas especificidades, pois implica alto grau de mobilidade e rotatividade de pessoas. Os trabalhos específicos sobre travestis (Pelúcio, 2009; Kulick, 2008; Nascimento, 2014; Vartabedian, 2012; Benedetti, 2012; Silva, 1993; Teixeira, 2008) atestam, inclusive, a dificuldade de realizar pesquisa de campo com travestis em função de sua alta mobilidade.

Ao me debruçar sobre os deslocamentos realizados por travestis, saltou-me aos olhos a característica de não se constituírem tão somente projetos contextuais de cada indivíduo, mas como intrínsecos e componentes da pessoa travesti. Com o desenvolvimento do trabalho, percebi que as travestis se deslocam por diferentes cidades, não importando muito se grandes ou pequenas, se capital ou interior, ou se há uma predileção pelas principais capitais do país. Seguindo os movimentos realizados por minas interlocutoras, realizei trabalho de campo em três cidades: São Carlos/SP, Franca/SP e Campo Grande/MS.

Constatei que os deslocamentos acontecem ao longo de linhas que elas criam, sem necessariamente possuir um projeto, ou planejamento prévio, tampouco por meio de redes construídas, estáveis e articuladas. Durante esses deslocamentos, outros tantos são

³ Itália, Espanha e França são alguns dos países inclusos nos deslocamentos realizados por travestis brasileiras. Ver Teixeira (2008), Pelúcio (2009).

⁴ Ao longo do texto está destacado em itálico a transcrição das falas e termos utilizados pelas minhas interlocutoras.

⁵ Entre outros trabalhos importantes, destaco Fonseca (1996), França (2014), Patriarca (2015), Piscitelli (2013), Olivar (2013), Sales (2013), Santos (2012), Osborne (2004), Emakunde (2002) e Askabide (2006).

vivenciados, incluindo relações, corpos e gênero, destacando-se, assim, a condição de deslocamento constante como aquilo que constrói a pessoa travesti.

A etnografia ajudou a perceber que as travestis não se deslocam com o objetivo de modificar seus corpos, ou para construir uma identidade de gênero, ou para aquisição de bens materiais e simbólicos, por distinção ou única e exclusivamente para trabalhar. Todas essas coisas ocorrem durante os deslocamentos, não como propósito e/ou finalidade última.

Os deslocamentos no contexto travesti se apresentam como relação, contrastando com a maneira de vê-lo como função da homeostase social ou derivado de injunções externas (históricas, econômicas). Apresentarei neste texto os mecanismos de construção dessas relações. O que é necessário para que exista essa relação? Como ela é construída, desconstruída e reconstruída? Como as travestis classificam essa relação? O que estas relações implicam e quais diálogos elas fazem com outras criações sobre diferentes relações?

Fazer a linha e sair doida

Para que o deslocamento geográfico entre cidades ocorra, é necessário que haja algum tipo de linha construída entre as travestis. Por meio de troca de mensagens por redes sociais ou aplicativos em telefones celulares, surgem convites para se deslocarem para outras cidades. “*Onde cê tá? Cê conhece aqui? Bicha, essa cidade é bateção, milhões, mesmo. Vem pra cá*”: ao receber a mensagem, Keith, (27 anos, pele clara, traços indígenas, natural de Coxim/MS), demonstra interesse e informa sua localização, pede para a travesti que fez o convite “*fazer a linha*” com a cafetina local, dizendo que, com a linha feita, em breve viajará para lá.

Essas expressões destacadas, e outras a seguir, é uma parte do repertório que expressa o modo como elas concebem a noção de deslocamento como provedor de sentido. “Sentido” aqui é considerado mais do que um efeito decalcado dos signos, ou seja, não sendo somente codificações ou funções abstratas utilizadas para racionalizações. Aqui, dialoga-se com o proposto por Roy Wagner (2017), que pensa o sentido não apenas como resultado da subordinação do sentido aos signos, mas como uma possibilidade de inventar a cultura, sendo capaz de modelar o uso das convenções culturais para finalidades próprias.

Bateção é uma referência a *bater porta*, ou seja, fechar porta. Isso possui relação com muitos programas e muitos clientes, uma vez que a maioria dos clientes param os carros na *Rua* e, ao adentrar no veículo, é necessário que a travesti realize o ato de *bater porta*. Muitas portas batidas correspondem a muitos programas e, conseqüentemente mais dinheiro. *Milhões* pode manter relação novamente com muito dinheiro, mas, além disso, alude ao movimento intenso, animação, muitas atividades na cidade. Assim, apesar de inicialmente as metáforas *bateção* e *milhões* possuírem ligação com o universo do trabalho e de ganhos financeiros, com o tempo essas metáforas assumem certa autonomia para em outros contextos denotar movimento, ação, intensidade, fluxo, agitação etc.

Da mesma forma, a expressão *fazer a linha*, assim como as outras, não é uma aplicação do significado, mas uma extensão criativa dele; não é algo meramente simbólico ou uma metáfora tola, mas expressão específica que sintetiza uma relação que produz um evento muito considerável. Um dos aspectos do *fazer a linha* pode se referir a uma espécie de indicação, ou fornecer e atestar referências e confiabilidade da travesti convidada para a cafetina que administra a casa que a receberá. Isso denota uma relação que é criada durante os deslocamentos e como as relações também proporcionam deslocamentos.

Há ainda outra sentença que possui vínculo com o *fazer a linha*, que é o *sair doida*, exemplificado nesse fragmento de diálogo entre Keith e Britney, (branca, 33 anos, natural de Campo Grande/MS): “*Te contei do enredo [problema, causo, evento] que tive com aquela bicha? Menina, foi um retetê [confusão, desentendimento, rusga] com aquele viado que saí doida de lá*”. [...] “*Não aguento mais essa cidade, olha a paradeira [pouco movimento], daqui a pouco saio doida daqui*”.

Laysla, uma travesti de Curitiba/PR, branca, alta, cabelos castanhos escuros, 25 anos, estava em Campo Grande/MS pela primeira vez quando a conheci. Segundo ela, não conhecia ninguém na capital sul-mato-grossense, mas conhecia Renata, que conhecia a Gaby. Renata não estava em Campo Grande/MS, já havia *saído doida* de lá, mas *fez a linha* para que Gaby recebesse Laysla em sua casa. O *sair doida* possui relação com *ir embora, vazar, dar o fora, se mandar*, mas remete também à conotação de sair com ou sem um destino prévio, com ou sem planejamento ou roteiro estruturado. E ainda mantém relação com a questão da velocidade, quer dizer, *sair doida* pode ser imprimir uma velocidade (nova) ao movimento; onde alguma coisa ou evento provoca uma aceleração, uma tomada de atitude.

Entender *Fazer a linha* e *sair doida* como metáforas de movimento ajudam a perceber o deslocamento como relação e como sentido. Mais que meros significantes, imagens acústicas do signo ou impressões psíquicas do som, essas metáforas possuem poder organizador e constitutivo da vida de travestis. *Fazer a linha* não é apenas uma abstração ou constructo imaginário, mas um fenômeno em relação com as convenções da cultura (Wagner, 2017). *Fazer a linha* e *sair doida* são uma exposição interpretativa dos sentidos, uma invenção autônoma das travestis, uma metáfora que é capaz de modelar o uso das convenções culturais para seus próprios fins. Nas palavras de Roy Wagner,

A invenção é a metáfora. A metáfora é o que acontece quando inventamos com a linguagem. De certa forma, é como se fosse uma composição musical; é como se fossem muitas formas de arte. O que ocorre no âmago da metáfora é uma invenção que na verdade trai as palavras que usamos para evocar a metáfora. Dentro da metáfora, existe uma alteração de perspectiva que apenas as palavras que são empregadas camuflam. Nenhuma metáfora é o que ela pensa que você é, mas ela é o que toma a sua palavra como acaso. Ela usa as suas palavras como pequenos acidentes por meio dos quais escoo em forma de ação (Wagner, 2012: 964).

Portanto, não se trata de uma expressão local que apenas indica ou simboliza algo, é um efeito organizador holográfico que revela relações e movimentos. Minha intenção é que não fique dúvidas que o *fazer a linha* e o *sair doida* se expandem para além do nível da potência simbólica e encerram em si sua própria condição. Por meio do conhecimento produzido pelas travestis, aqui expresso em forma de texto, pretendo explicitar que o *fazer a linha* e o *sair doida* não são o derradeiro subjuntivo, uma parábola, ou um eterno “como se”, mas o que “é”, que transforma e possibilita relações e deslocamentos de travestis nos mercados do sexo.

A autonomia do *fazer a linha* e do *sair doida* comporta diálogos, aproximações e distanciamentos de outros conhecimentos, como o conceito de rede desenvolvido por Barnes (1987); as reflexões sobre linhas, o fazer a vida e a malha de Tim Ingold (2007; 2012; 2015); as elucubrações desenvolvidas por Deleuze e Guatarri (2012) sobre rizomas e linhas de devir. Esses diálogos serão demonstrados a seguir alinhavando o material etnográfico.

Linhas de fuga das redes.

Maria Madalena, branca, 64 anos, afirmou que as viagens são feitas por meios de contatos estabelecidos muito rapidamente. “*Na base da amizade?*”, perguntei. “*Elas não fazem amizade. Travesti não é amiga de ninguém. Só tem uma coisa assim, de conversar com uma, conversar com outra pra ter o contato pra ir para outra cidade, uma faz a linha pra outra e vai. É assim, só isso*”, respondeu. Não há uma rede constituída ou alguma pessoa de referência para facilitar esses deslocamentos, em cada lugar e em cada época isso se altera. A *linha* é realizada por meio de contatos pessoais em situações contingenciais que visam a um interesse diverso e particular, o que dificulta uma intenção de identificar recorrências, desenhar uma rede e ou realizar comparações.

É extremamente difícil, para não dizer problemático, aproximar o *fazer a linha* e o *sair doida* do conceito de rede, muito mobilizado em estudos de migração e movimentos. A princípio, a rede seria um conjunto de relações entre um conjunto de atores, pressupondo alguma conectividade estável. Para Barnes (1987), a noção de redes sociais busca apoiar “a análise e descrição daqueles processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites de grupos e categorias” (Barnes, 1987: 163). Ou seja, entendendo que há dinamismo nas relações, o autor tentou refinar o conceito argumentando que a ideia que permeia a metáfora de redes é a de indivíduos em sociedade, ligados por laços sociais, os quais podem ser reforçados ou entrarem em conflito entre si.

Contudo, Barnes (1987) chama atenção para o estudo de uma perspectiva da política em que se possa encontrar os processos por meio dos quais indivíduos e grupos tentam mobilizar apoio para seus objetivos e influenciar atitudes e ações dos seus seguidores. Segundo ele, seria o estudo da política no nível não especializado, bem como nos processos políticos em sua manifestação do tipo transinstitucional que lhe interessa. Por isso se concentra no conceito de rede social.

O autor procura ampliar as explicações acerca do conceito de rede já utilizado por ele em um trabalho anterior sobre uma comunidade da Noruega, e que teria padecido de uma falta de definição conceitual geradora de interpretações confusas por parte de alguns leitores/pesquisadores. Assim, ele tenta indicar que a ideia de rede utilizada em seu trabalho está, antes de tudo, pensada como socialmente composta por indivíduos que irão se articular a partir de interações, e não por composições egocêntricas, como irão propor outros. A rede com a qual trabalharia seria, portanto, a rede social total.

O que Barnes se propôs a fazer é transpor o conceito funcional de rede, como utilizado primeiramente por Radcliffe-Brown (1970), para usá-lo analiticamente, como

instrumento metodológico de compreensão de relações sociais entre indivíduos. Assim, Radcliffe-Brown teria pensado o conceito de rede com um aspecto figurativo para entender a estrutura social. Para Barnes, rede estaria, dessa forma, ligada a situações de permanência, e não a articulações temporárias.

Assim, segundo o autor,

O conceito de rede social é apropriado em situações em que grupos persistentes, como partidos e facções, não estão formados, bem como em situações em que indivíduos são continuamente requisitados a escolher sobre quem procurar para obter liderança, ajuda, informação e orientação. Deste modo, o emprego da rede social nos ajuda a identificar quem são os líderes e quem são os seguidores (Barnes, 1987: 175).

É interessante notar como Barnes circunscreve bem o uso do termo e deixa claro sua proposta. Ele, inclusive, enumera dois tipos de rede para melhor operacionalizar o uso do termo: “redes sociais totais” e “redes sociais parciais”. Segundo ele, a primeira é uma abstração de primeiro grau da realidade, e contém a maior parte possível da informação sobre a totalidade da vida social da comunidade a qual corresponde. Quanto às redes parciais, seriam “qualquer extração de uma rede total, com base em algum critério que seja aplicável à rede total” (Barnes, 1987:166).

Dessa forma, os deslocamentos de travestis destoam muito do significado de rede social de Barnes, pois elas não configuram essa situação de permanência descrita por este autor, tampouco um grupo persistente com algum tipo de coesão em que fica evidente uma liderança (ainda que rotativa) que orienta o grupo.

Quando Maria Madalena observa que “*travesti não é amiga de ninguém*”, me parece que opera na chave interpretativa de amizade pautada pela sociabilidade, afinidade, confiança e por compartilhar questões pessoais e íntimas. Semelhante ao colocado por Rezende (2002) quando pensa os estágios da relação de amizade. A sociabilidade seria para os não tão próximos e a confiança e intimidade para as amizades fortes, onde há afinidade, ou seja, onde há uma valorização da semelhança como uma operação relacional (Rezende, 2002).

Isso possibilitaria, inclusive, a criação de redes barnesianas, pois essa interpretação aponta para uma ideia de permanência e criação de alianças. Contudo, as travestis também não operam dentro desse código de amizade como relação permanente. A produção de amizade como troca de experiências pessoais e produção de lugares existenciais compartilhados é diferente entre as travestis. O que elas compartilham é o

movimento. Por isso *“Só tem uma coisa assim, de conversar com uma, conversar com outra pra ter o contato pra ir para outra cidade, uma faz a linha pra outra e vai”*.

Charlotte, branca, 27 anos, narra sua iniciação nos mercados do sexo por meio de linhas construídas com amigas. De acordo com Charlotte, algumas de suas amigas já realizavam programas em bares e boates frequentados majoritariamente pelo público LGBTQIA+, *“Bares e boates GLS”*, como ela categoriza. Esses ambientes se localizavam nas cidades vizinhas a São Carlos/SP, como Araraquara/SP, Rio Claro/SP e Ribeirão Preto/SP, *“Ia com amigas pra me divertir, quando vi já estava levando a sério [...] Comecei de finais de semana, foi tudo na brincadeira, quando vi já estava levando como profissão, estava na esquina me prostituindo, já”*, contou Charlotte. Como algumas amigas já faziam programa, tinham contatos e clientes, ao chegarem nos lugares, faziam a linha para Charlotte, diziam que a amiga estava no *“meio”* também e assim conseguiu se inserir nos mercados do sexo e se deslocar por lugares e cidades. O *“meio”* aqui aparece como outra invenção das travestis que remete a fazer parte de uma *“área”*, um domínio, um campo, mas também se refere a não estar em lugar algum, ou constituir exatamente o meio, o entre, o interstício; ou o próprio deslocamento.

De acordo com Raquel, branca, 42 anos, a dinâmica das viagens se dá por intermédio de contatos rápidos que informam as condições da cidade e possibilidades de rendimentos financeiros de cada localidade. Por exemplo, se Raquel informa Bruna que São Carlos/SP é boa e é possível ganhar um bom dinheiro trabalhando nos mercados do sexo na cidade, isso desperta interesse em Bruna, que está em outra localidade, e se desloca até São Carlos/SP para encontrar Raquel e trabalhar. Em São Carlos/SP, Bruna pode conhecer outras pessoas que receberam informações de outros contatos e outras cidades e partem para lá. Estando nessas outras cidades, elas entram em contato com Bruna (ou vice-versa) e a chamam para ir para outro lugar, e assim segue.

Esses trânsitos entre lugares e cidades não seguem um padrão, tampouco são organizados com base em uma referência reconhecida por todas do *“meio”*, mas com base na linha feita por uma *“amiga”*. *“É sempre assim, na verdade antigamente tinha aquelas bicha que era andarilha mesmo, elas iam pra uma cidade, sabiam que uma cidade tava ganhando dinheiro, mas elas não conheciam ninguém, elas iam com a cara e a coragem, ou senão elas descobriam através de face[book], ou alguma coisa quem era a cafetina de lá, entrava em contato e saía doida. Hoje em dia não, hoje é assim, você só vai, tipo, eu tenho uma casa, você só vai vir pra minha casa se eu souber quem é ou se tiver já*

passado pela minha casa uma menina que eu tenha gostado e ela indique você”, explicou Britney.

Esse relato pode ocasionalmente sugerir um conflito entre o *fazer a linha* e o *sair doida* em uma leitura estrita que interpretaria que apenas se *sai doida* quando não há linhas construídas, porém, essa aparente contradição é pouco crível, uma vez que há outras possibilidades além da sugestão de um caminhar diletante e também por não se tratar aqui de elaborar uma tradução do que é *sair doida*, restringindo a um exercício semântico rigoroso. Se houver a insistência em buscar pares de oposição, eventualmente poderia se pensar como antagônicas as metáforas “*fazer a linha*” e “*ir com a cara e com a coragem*”, uma vez que essa expressão se vincula com o deslocar-se autônomo e sem construção de linhas. O *fazer a linha* e o *sair doida* dialogam, são metáforas complementares e contribuem para demonstrar a dinâmica dos movimentos.

O *fazer a linha* é uma ação, um ato de criação que promove os deslocamentos. Denota relações múltiplas e contingenciais, não são permanentes porque são destituídas da noção de expectativa, que pressupõe a noção de amizade, por exemplo. Essa ação não cria um espaço fixo e estável de convivência, o qual seria um pressuposto para a sociabilidade, uma vez que sociabilidade pode ser entendida como contexto etnográfico de produção de relações de alteridade e um conjunto de práticas cotidianas.

Dessa forma, *fazer a linha* e *sair doida* podem ser entendidas como uma espécie de obstáculo à amizade e sociabilidade. Não é uma negação consciente ou uma oposição declarada, mas certa noção de amizade e sociabilidade podem oferecer boas imagens contrastivas aqui para pensar essas linhas na medida que ao marcar uma diferença significativa na relação entre termos ressalta-se o que é apresentado pelas travestis.

A princípio, tentei até buscar uma lógica nos deslocamentos, se havia uma construção de redes, referências, trajetos, circuitos (Magnani, 2012), mas só o que pude observar e obter como afirmação é que as *linhas* que ajudam nos deslocamentos são construídas e não necessariamente se repetem. “[Só] *indica pra quem é amiga, né? E se ela conhece um lugar lá em São Paulo, ela indica pra amiga. Ela me chama, ‘oh Britney, é bem pra você, não sei o que lá... faço a linha pra você, vem pra cá’*. Agora se for pra outra pessoa que não conhece, aí não”. Contudo, o fato de conhecer alguém não é exatamente sinônimo de segurança em relação às expectativas que as animam.

A fala de Virgínia, branca, 21 anos, vai ao encontro do que disse Britney quando perguntou “*Britney, você conhece alguém em Rio Preto? São José do Rio Preto?*”. Após resposta negativa, continuou “*Eu queria ir lá, mas não conheço ninguém lá. Eu conhecia*

a Luciana Close que foi pra Itália com a Rafa. Ela falou pra mim que lá era bem, mas quero ir com alguém que eu conheço pra saber direito”.

Como já exposto, não há uma rede (estável e homogênea) anterior que necessariamente orienta ou pavimenta os deslocamentos. E esses não são vetoriais – não seguem sempre a mesma direção, mesmos lugares e cidades; não necessariamente permitem uma retroatividade – não criam topografias ou superfícies que possam ser repetidas pelas experiências; e tampouco os deslocamentos afirmam hierarquias verticais postas e reconhecidas, criando pessoas que ocupem lugares de referência para outras travestis realizarem seus deslocamentos. Assim como cheguei a Campo Grande/MS em função de uma *linha* criada após um encontro não planejado, outros movimentos são realizados dessa forma.

Um dos fins de semana em Campo Grande/MS de intenso fluxo de informações, mudanças de comportamentos, planos, relações e compromissos, os quais me levaram a conhecer a “Corrida das *Drags*”⁶, é apenas um exemplo que ajuda a mostrar que travestis *não têm parada*. Além disso, demonstra *linhas* traçadas pela cidade e uma *linha* construída por Britney entre mim e Andrômeda Black, *drag queen*, negra, 25 anos, organizadora do evento. Se não houvesse uma *linha* construída com Britney, eu sequer saberia da existência da “Corrida das *Drags*”, tampouco seria bem recebido por Andrômeda.

O tempo que levou para eu conhecer os espaços ocupados por travestis na cidade de Franca/SP, em relação ao período que estive em Campo Grande/MS pela primeira vez, foi muito mais dispendioso. Raabe era a única travesti que eu conhecia natural de Franca/SP, mas estava na Europa. Britney disse que *faria a linha* com Jackeline (negra, 25 anos) e Kelly (branca, 28 anos) para que eu pudesse ir até a cidade do interior paulista, mas constatei que não o fez. Quando finalmente consegui identificar os locais (com a ajuda de um amigo) e encontrar Jackeline e Kelly, possuir alguma *linha* com Raabe e Britney não tornaram as relações fáceis, pelo contrário. “*Ninguém gosta dela [Raabe] aqui. Tá na Itália, né? Saiu daqui brigada com todo mundo*”, afirmou Jackeline. Quanto a Britney, “*Ela é amiga da Raabe, né? Não tenho nada contra ela, nem conheço, na verdade*”. Talvez por isso Maria Madalena tenha feito sua observação, dizendo “*travesti*

⁶ A “Corrida das Drag” é organizada por Drag Queens de Campo Grande/MS e região. Consiste em apresentar um episódio da série/reality show RuPaul’s Drag Race (por isso o nome “Corrida das Drag” – uma tradução literal com intenção de ser jocosa, “mas ninguém corre aqui, não, fica tranquilo”, explicou Andrômeda rindo), depois uma performance de Drag Queen que faz parte de uma competição, avaliada por juradas e, em seguida, uma apresentação de uma Drag Queen convidada.

não é amiga de ninguém”. As relações entre travestis não possuem a perenidade de laços que convencionalmente se aciona quando o assunto é amizade. Isso ajuda a perceber que, quando linhas não são construídas e alimentadas, os deslocamentos são dificultados. Ou seja, é necessário que haja algum tipo de *linha* que possibilite a proliferação de *linhas*.

Carol, branca, 28 anos, apesar de não demonstrar apreço pela experiência de viagens para outras cidades, expressou deslocamentos e *linhas* quando narrou a saída da fábrica de sapatos e foi para a *Rua*, fez o curso de cabeleireira e abriu um salão de beleza, ingressou no curso técnico em farmácia, abandonou e iniciou outro de cuidadora de idosos. Tudo isso conjugando casamento e trabalho nos mercados do sexo. Seus deslocamentos em Franca/SP também acontecem por meio e ao longo de *linhas* que são construídas na *Rua* e em outros lugares.

Ao contrário de Carol, Jackeline gosta de viajar para outras cidades. Segundo ela, na *Rua* construiu *linhas* que lhe possibilitaram ir para Ribeirão Preto/SP, São Carlos/SP, Piracicaba/SP, Campinas/SP, São Paulo/SP, Uberaba/MG e Uberlândia/MG. De acordo com Jackeline, as estadias nas cidades não são pensadas para se prolongarem. Contudo, por motivos conjunturais, pode haver permanência por períodos longos (3 meses, mais ou menos) em uma cidade. Camila, uma travesti paulistana de 35 anos, respondeu “*Como não gostei? Fui aí pra ficar 2 semanas e acabei ficando 3 meses!*”, quando perguntei sobre ter ido embora de São Carlos/SP, se não havia gostado da cidade.

Essa imprevisibilidade do tempo de permanência em cada cidade, a existência ou ausência de roteiro para o destino seguinte e a questão sobre a (não) consolidação de amizades colaboram para apresentar o *sair doida* e entendê-lo como sentido no contexto travesti. Britney, após um amigo ter feito a *linha* com Cris Steffany, começou a trabalhar com a Associação de Travestis e Transexuais de Mato Grosso do Sul (ATMS), mas *saiu doida* da ONG e do projeto após conflitos internos.

Keith, aos 21 anos, *saiu doida* de Coxim/MS para Chapadão do Sul/MS após ter feito a *linha* com uma *mapoa* [mulher] que lhe recebeu na cidade. Somente depois de estar em Chapadão do Sul/MS que informou seus pais, inclusive. Essa *mapoa* lhe inseriu nas boates, mas não demorou muito *saiu doida* da boate e foi para a *Rua*, onde, segundo ela, é melhor e se torna mais fácil *sair doida* quando quiser e para qualquer lugar.

A valorização da liberdade e facilidade para os deslocamentos traz um aspecto interessante do *sair doida* sobre a velocidade dos deslocamentos e da produção de conhecimento travesti. Os cálculos e planejamentos sobre os itinerários percorridos são realizados, porém, com uma celeridade particular e, sobretudo, são circunstanciais.

Britney, assim que chegara de Dourados/MS, planejava ir para Camboriú/SC. Contudo, em função do convite para realizar um trabalho com a ATMS, permaneceu em Campo Grande/MS. Entretanto, com a mudança de conjuntura, Britney deixou a ATMS e foi para Americana/SP. Dessa forma, o *sair doida* traz uma consideração sobre a rapidez das decisões que estabelece íntima relação com o volume e intensidade dos deslocamentos de travestis nos mercados do sexo.

Monique, branca, 25 anos, conta que “*uma amiga minha me ligou do nada e falou ‘Bicha, cê tem passaporte?’ Eu falei tenho. ‘Então me dá aqui seu passaporte, sua foto, suas coisas’.* Saí doida, com 5 dias eu tava na Europa. *‘Ela falou assim, bicha, ou é agora ou nunca, não tem esse negócio de ficar esquentando lugar, não’.*” Como já exposto, o *sair doida* possui relação com outras metáforas, como o *ir embora*, *vazar dar o fora*, *se mandar*, além disso, oferece também a conotação de sair com ou sem um destino prévio, com ou sem planejamento ou roteiro estruturado por um longo período anterior. *Fazer a linha* e *sair doida* são relações que conciliam, em um mesmo ato simbólico, ação e “representação na incessante produção de significados” (Wagner, 2017: IX). Dessa forma, a classificação simbólica não subjaz o processo de simbolização, uma vez que ação e motivação estão participando ativamente da própria simbolização.

Uma malha de linhas (à guisa de considerações finais)

Ítalo Calvino (1990) conta através do encontro entre Marco Polo e Kublai Khan que os habitantes de Ercília, uma das cidades invisíveis, para estabelecer ligações que orientam a vida da cidade, estendem fios coloridos entre as arestas das casas de acordo com as relações de parentesco, troca, autoridade e representação. Quando o emaranhado de fios não mais permite que se atravesse a cidade, os habitantes então a abandonam; as casas são desmontadas, restando apenas “teias de aranha de relações intrincadas à procura de uma forma” (Calvino, 1990: 72).

Ercília se torna um emaranhado de linhas que tornam a vida das pessoas inviável. Forçando assim um movimento. A estrutura das linhas entrecruzadas é abandonada à sorte, inerte, e eles começam de novo. Ainda que disforme, as relações em Ercília abandonam uma espécie de estrutura observável. As travestis, como visto, não constroem uma estrutura ou rede. Só é possível desenhar uma estrutura a partir dos deslocamentos das travestis olhando em retrospecto. Contudo, esse movimento de análise olhando para o passado, a partir de um testemunho solidificado que sirva de norte para outros

movimentos ou, no mínimo, uma imagem como a de Ercília não é próprio das *linhas* criadas pelas travestis. Essas *linhas* sempre são processo, apontando para criação e movimento. Se há alguma estrutura nos deslocamentos travestis, ela está posta, em função da limitação textual, somente aqui na forma escrita.

Britney criou *linhas* para sair de Campo Grande/MS e se deslocar para Dourados/MS. Através de suas *linhas* com Flávia e das *linhas* criadas por Flávia com Vera para Britney, minha interlocutora não titubeou e viajou para São Carlos/SP, sem considerar emaranhados ou estruturas deixadas para trás. Pelo contrário, estava empolgada com o surgimento de possibilidades de criação, só novas *linhas* lhe interessavam e as que foram abandonadas não importava nem para ela ou para ninguém.

Entendidas como metáforas, *fazer a linha* e *sair doida* ajudam a pensar o deslocamento como relação e sentido, demonstrando que o deslocar-se é a própria vida e não um efeito colateral de planos, metas ou projetos. E a vida é um movimento de abertura, não de encerramento (Ingold, 2015). Ou seja, é movimento contínuo.

É da essência da vida que ela não comece aqui ou termine ali, ou conecte um ponto de origem a uma destinação final, mas sim que ela continue encontrando um caminho através da miríade de coisas que formam, persistem e irrompem em seu percurso (Ingold, 2015: 26).

Com essa ontologia, Ingold argumenta que a vida não está contida nas coisas e usa a metáfora da linha, não exatamente da mesma forma que as travestis, para demonstrar como a vida se manifesta. Segundo o autor, viver é não estar confinado no interior de pontos, mas proceder ao longo de linhas (Ingold, 2015). Essa afirmação possibilita que eu crie um diálogo entre o conhecimento produzido pelas minhas interlocutoras travestis e o produzido pelo antropólogo britânico citado. *Fazer a linha* se aproxima, por analogia, portanto, do fazer a vida, demonstrando que caminhos e trajetórias não são apenas conexões, mas linhas ao longo das quais coisas são continuamente formadas.

A abstração da linha foi gradualmente limitada, separada do movimento que ela deu origem. Sobretudo, segundo Ingold (2015), com o “advento da modernidade” que fragmentou a linha em pontos, fortalecendo o ideal postulado pela geometria euclidiana. Esse ideal influenciou as formulações sobre pessoas serem equivalentes a pontos na cidade, no país e no mundo. Contudo, adverte Ingold, as pessoas não apenas ocupam, mas vivem no ambiente em que moram. Isso ajuda a mudar o paradigma que privilegia a estabilidade e o estático em direção a um modelo que olhe para o movimento, para a linha

e para vida, considerando que cada linha é o equivalente a um modo de vida (Ingold, 2007: 80). Assim, portanto, *fazer a linha* é fazer a vida, pois a vida se dá ao longo de linhas.

Ao afirmar que a vida não é confinada no interior de pontos, o autor ainda ressalta que o mundo, o planeta em que vivemos nunca foi estável e sempre está em estado de contínua flutuação e mudança. Nesse sentido, Ingold sugere que tudo, inclusive a nossa relação com o planeta, ocorre ao longo de linhas entrelaçadas ou interligadas. Segundo o autor, ao se concentrar em linhas é possível pensar em como unir três coisas diferentes: primeiro, como as pessoas se movem no mundo e como fazem seus caminhos; segundo, como as pessoas conhecem as coisas, pois, quando se conhece algo, faz-se um tipo de viagem ao conhecimento; e como as pessoas descrevem as coisas, pois, quando se descreve as coisas, faz-se isso escrevendo ou desenhando, ou seja, sempre empregando um tipo de linha.

Por isso o interesse na linha, porque é uma maneira de unir nosso entendimento de movimento, conhecimento e descrição. Porque todos estão sendo processados, todos são levados por uma linha. O objetivo principal do autor é propor solvências nas mediações distintivas entre unidades animais, humanas e objetais e nas fronteiras sensíveis entre as formas que entremeiam essas unidades, inaugurando um exercício analítico que procura contradizer a incapacidade da mutualidade participativa desses entes na construção dos seus respectivos mundos.

Uma das inspirações de Ingold é a afirmação categórica de Deleuze e Guatarri (2012): “somos feitos de linhas” (Deleuze & Guatarri, 2012: 72). Os autores seguem explicando que não estão falando apenas de linhas de escrita, mas linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas de escrita. Essas linhas, segundo Deleuze e Guatarri, podem também ser linha de fuga ou linha de devir. Esta última se aproxima consideravelmente do argumento de Ingold e do *fazer a linha* das travestis, pois

Uma linha de devir não se define nem por pontos que ela liga nem por pontos que a compõem: ao contrário, ela passa entre os pontos, ela só cresce pelo meio, e corre numa direção perpendicular aos pontos que distinguimos primeiro, transversal à relação localizável entre pontos contíguos distantes. Um ponto é sempre de origem. Mas uma linha de devir não tem nem começo nem fim, nem saída nem chegada, nem origem, nem destino; e falar de ausência de origem, erigir a ausência de origem em origem, é um mau jogo de palavras. Uma linha de devir só tem meio (Deleuze & Guatarri, 2012: 95,96).

Todas essas maneiras de pensar a linha, seja por travestis, Ingold ou por Deleuze e Guatarri, embora singulares, convergem no que diz respeito à linha estar entre pontos, no meio dos pontos, e não de um ponto a outro. Assim, desvela-se uma vida que é movimento e não é marcada por pontos localizáveis, mas por limiares de intensidade que ocorrem por lugares diversos e por relações que se dão ao longo das linhas.

Essas linhas, por vezes, entrelaçam-se, tocam-se, cruzam-se em diferentes tempos e direções. Isso torna viável outras aproximações e analogias entre o conhecimento elaborado pelas travestis, pelo antropólogo Tim Ingold e pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guatarri, a saber, a ideia/conceito/modelo de malha e rizoma.

Quando Ingold (2012; 2015) trabalha com a imagem de uma malha, contrapõe-se ao conceito de rede, pois, segundo ele, a rede é sempre vista em retrospecto, de traz para frente, como algo que conecta uma série de pontos já percorridos, enquanto a linha, como já visto, não é definida pelos pontos que conecta ou pelos pontos que ela compõe.

Ingold fez duras críticas ao escritor e jornalista inglês Bruce Chatwin por atribuir aos aborígenes australianos a concepção de uma imagem de rede para visualizar o país (Ingold, 2007). Segundo Ingold, a interpretação de Chatwin sobre a percepção dos aborígenes acerca do país, na qual este não é composto por áreas em superfície, mas por uma rede, é extremamente equivocada. Isso porque as palavras aborígenes para país são as mesmas para linha e essas linhas são as que os seres ancestrais cantaram e trouxeram o mundo à existência em um sonho. Tais linhas são retraçadas em idas e vindas de acordo como são cantadas e narradas por suas encarnações contemporâneas. Juntas, elas formam um emaranhado de fios entrelaçados, um tecido aberto, mais próximo da ideia de malha do que de pontos conectados, como sugere a rede.

Inspirado por Henri Lefebvre, Ingold define malha como “marcas reticulares deixadas por animais e pessoas, cujos movimentos tecem um ambiente que é mais arquitetural do que arquitetural” (Ingold, 2007: 80). As linhas de uma malha são essas marcas entrelaçadas; mais do que rotas interseccionadas em uma rede, são trilhas ao longo das quais a vida é vivida. Esse emaranhado de fios pode ter a forma de malha, micélio⁷ ou de rizoma.

⁷ Ingold prefere a imagem do micélio fúngico (uma espécie de “raiz” dos fungos) a de rizoma. Inspirado nas considerações do micetologista Alan Rayner, ele afirma que, tomando o micélio como exemplo prototípico dos organismos vivos, estabelecemos o pressuposto que a vida não está contida dentro dos limites absolutos das formas fixas e teremos então uma biologia que começa do caráter fluido do processo da vida, cujos limites são sustentados apenas graças ao fluxo contínuo dos materiais que o atravessam (Ingold, 2015: 140).

Rizoma é outra imagem e metáfora utilizada por Deleuze e Guatarri, inspirados pela botânica, para refletir sobre um tipo de formação de raízes que permitem uma *hecceidade*, ou seja, um feixe de linhas abertas, uma multiplicidade. Tal movimento é sugestivo ao proposto pelo *sair doida*, pois, como já apresentado, o padrão dos deslocamentos realizados pelas travestis no mercado do sexo é o de não ter padrão. Por isso, falar que a esses deslocamentos formam uma malha de linhas entrelaçadas com forma de rizoma apenas explica algo sobre a dinâmica dos deslocamentos, pois o “rizoma, nele mesmo, tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (Deleuze & Guatarri, 2012: 22).

As características do rizoma se aproximam dos deslocamentos realizados pelas travestis nos mercados do sexo na medida que o rizoma possui um princípio de conexão heterogênea, ou seja, qualquer ponto pode se conectar a qualquer outro. Do mesmo modo, Keith se deslocou entre Coxim/MS, Campo Grande/MS, Telêmaco Borba/PR, Balneário Camboriú/SC, Caxias do Sul/RS, Cuiabá/MT, Rondonópolis/MT e São Paulo/SP sem a existência de uma unidade, uma rede estabelecida ou estrutura, aproximando-se, assim, de mais uma característica do rizoma: a multiplicidade.

Outra qualidade do rizoma que pode ser observada no contexto das travestis nos mercados do sexo é que o deslocamento pode ser interrompido em qualquer lugar e retomar em outro, a partir de outras linhas, impossibilitando uma justificação em um modelo estrutural ou gerativo, mas apontando para uma malha aberta de linhas, conectáveis em todas as suas dimensões, desmontáveis, reversíveis, suscetíveis de receber modificações constantemente.

Quando uma travesti produz *linhas* e *sai doida*, o deslocamento mostra que ele não é feito de unidade, mas de dimensões e direções instáveis, sem começo nem fim, apenas um meio que se modifica e transborda. Essa multiplicidade não possui qualquer relação com uma estrutura dotada de um conjunto de pontos e posições, mas constrói uma malha aberta na qual cada linha varia e modifica sua distância em relação às outras constantemente.

É importante atentar para o risco de se enredar pelas imagens de malhas e rizomas e tratá-las da mesma forma como a figura da rede é tratada, ou seja, olhar para malha e rizoma como modelos, não como algo que ajuda a explicitar o dinamismo dos deslocamentos. Segundo Ingold (2012), essa maneira de pensar em retrospecto, considerando algo acabado, considerando forma e matéria, advém do pensamento

aristotélico adotado no ocidente, no qual só é possível criar algo desde que se tenha uma matéria dada e uma forma definida. Entretanto, quando *fazem suas linhas e saem doidas*, as travestis relativizam esse modelo na medida em que privilegiam o processo de formação e, sem pensar em um produto finalizado, priorizam os fluxos e transformações ao invés de um estado bruto e inerte.

Nesse contexto, as travestis se assemelham às fiandeiras que tecem linhas vitais, *mutatis mutandis*, tal qual as moiras de Homero que fabricam, tecem e cortam o fio da vida. Não são entidades sobrenaturais que vivem ao lado dos deuses controlando o destino dos seres humanos, mas possuem e exibem uma potência criadora, de mudança, invenção e inovação. Essa criação só é possível ao longo de *linhas*; é menos uma forma do que um acontecimento, um acontecimento de acontecimentos que constrói e comunica diferenças.

Referências bibliográficas

- ASKABIDE. 2006. **Violência de gênero y prostitución**: La violencia de género contra El colectivo de mujeres que ejercen la prostitución. Bilbao, Ed. Mensajero.
- BARNES, J.A. 1987. Redes Sociais e Processo Político. In.: FELDEMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas- Métodos**. São Paulo: Global.
- BENEDETTI, M. 2012. **Toda Feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro, Garamond.
- BROWN, Radcliffe. 1970. Sobre o Conceito de “Função” em Ciências Sociais, Estrutura Social. Extraído de: PIERSON, Donald. São Paulo. **Estudos de Organização Social – Tomo II: leituras de sociologia e antropologia social**.
- CALVINO, Ítalo. 1990. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 2012. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995-1997.
- EMAKUNDE. 2001. **La prostitución ejercida por mujeres en la C.A.E.**
- Favero, Sofia. 2020. **Crianças trans**: infâncias possíveis. Salvador: Devires.
- FONSECA, Claudia. 1996. “A dupla carreira da mulher prostituta”. In: **Estudos feministas** N1.
- FRANÇA, M. 2014. Quando a intimidade sobe e desce as escadas da zona boêmia de Belo Horizonte. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, p. 321-346, 2014

- INGOLD, Tim. 2015. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2007. **Lines**: a brief history. London: Routledge.
- _____. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun.
- KULICK, D. 2008. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
- MAGNANI, José Guilherme. 2012. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- NASCIMENTO, Silvana. 2014. “Variações do feminino: circuitos do universo trans na Paraíba”. In: **Revista de Antropologia**, vol 57, n2.
- OLIVAR, J. M. N. 2013. **Devir Puta**: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: Eduerj.
- OSBORNE, Raquel. 2004. **Trabajador@s del sexo** – Derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI. Barcelona, Bellaterra.
- PATRIARCA, Letizia. 2015. **As corajosas**: etnografando experiências travestis na prostituição. Dissertação em Antropologia Social, PPGAS – USP.
- PELÚCIO, Larissa. 2009. Sin papeles pero con glamur: Migración de travestis brasileñas a España (Reflexiones iniciales). **Vibrant**, vol. 6, Brasília, 2009, pp.170-197.
- PISCITELLI, A. G. 2013. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EDUERJ/Garamondo/CLAM.
- REZENDE, Claudia Barcellos. 2002. **Os significados da amizade**: duas visões de pessoa e sociedade. Rio de Janeiro: FGV.
- SALES, Ana Paula Luna. 2013. “Espaços de prostituição, espaços de dominação”. In: SIMÕES, S.S.; SILVA, H. R. S.; MORAES, A. F. (orgs). **Prostituição e outras formas de amor**. Rio de Janeiro: EdUFF.
- SANTOS, Rafael F. G. 2012. **As aparências enganam?** O fazer-se travesti em Campos dos Goytacazes - RJ. Dissertação de Mestrado, UERJ.
- SILVA, H. R. S. 1993. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Iser.
- TEIXEIRA, Flávia. 2008. “L’Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição”. **Cadernos Pagu**, 31: 275-308.

VARTABEDIAN, Julieta. 2012. **Geografía travesti:** Cuerpos, sexualidad y migraciones de travestis brasileñas (Rio de Janeiro-Barcelona). Tesis Doctorals - Departament - Antropologia Cultural i Història d'Amèrica i d'Àfrica Universitat de Barcelona.

WAGNER, Roy. 2012. **A invenção da cultura.** São Paulo: Cosac & Naify.

_____. 2017. **Símbolos que representam a si mesmos.** São Paulo: Editora Unesp.